

Uso e Produção de vídeos nas aulas de História: Limitações e Possibilidades

Iara Inês Hickmann Friedrich¹

Carla Cristina Nacke Conradi²

RESUMO

Através da presente pesquisa, pretendemos analisar a relação existente entre evolução tecnológica, a implantação das tecnologias educacionais na escola e os resultados desse uso na aquisição e produção do conhecimento histórico. Pretendemos discutir com os colegas as limitações e as possibilidades do uso dessas ferramentas no ensino-aprendizagem. O que norteou a nossa pesquisa foram amostras de levantamentos de dados que fizemos com professores e alunos e as experiências a que submetemos os alunos em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologia Educacional. Vídeo. Ensino/Aprendizagem.

ABSTRACT

Through this research we intend to analyze the relationship between technological change, the implementation of educational technology in school and the result of its use on acquisition and production of historical knowledge. We intend to discuss with colleagues the limitations and possibilities of using these tools in teaching and learning. What guided our study were samples of data survey that we produced with teachers and students and the experiences to whom we submitted the students in the classroom.

KEY WORDS: Educational Technology. Video. Teaching / Learning.

O professor, assim como a maioria das pessoas, já percebeu as transformações que ocorrem na sociedade e isso se reflete em sua ação pedagógica. Estamos inseridos num mundo globalizado onde as transformações tecnológicas, sociais e culturais são presenciadas diariamente.

O avanço tecnológico no campo das comunicações torna indispensável e urgente que a escola integre esta nova linguagem audiovisual - que é a linguagem dos alunos - sob pena de perder o contato com as novas gerações. (BELLONI, 2001, p.69)

¹ Iara Inês Hickmann Friedrich, professora do Colégio Estadual Leonilda Papen-EFM, Mercedes-PR. E-mail lhf@seed.pr.gov.br

² Carla Cristina Nacke Conradi, professora orientadora do PDE, pelo curso de História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

Todas essas transformações exigem uma nova postura metodológica do professor, pois vivemos um novo paradigma educacional. Percebe-se que as formas de aquisição e troca de conhecimentos não se restringem mais exclusivamente na figura do professor ou dos livros tradicionais. Sons, imagens, interatividade, animações fazem parte da vida cotidiana dos nossos alunos e o ritmo acelerado de introdução dessas novas ferramentas na sociedade não podem em hipótese nenhuma serem ignoradas pela escola. Apesar de toda a tecnologia disponível e mesmo presenciando as transformações da sociedade, muito pouco tem sido feito para modernizar as tradicionais aulas expositivas, nas quais o professor transcreve um conteúdo para o quadro negro e os alunos copiam para seus cadernos. Faz-se necessário uma nova postura do professor para que ele caminhe de encontro aos anseios do educando, utilizando-se das ferramentas tecnológicas que ora nos propomos a discutir e, através delas, crie estratégias e situações de aprendizagem que possam tornar-se significativas para o aprendiz, sem perder de vista o foco da intencionalidade educacional.

Essa pesquisa tem por objetivo visualizar a força da utilização das mídias, especialmente o vídeo como meio didático, e suas conseqüências positivas na aprendizagem e na formação da consciência crítica e histórica do aluno, que vive inserido em uma sociedade da informação e do conhecimento e que anseia por uma nova visão de educação.

Sabemos que o atual governo do Estado do Paraná tem investindo consideravelmente em equipamentos tecnológicos: implantou Laboratório de Informática nas escolas, instalou uma TV com suporte a pen drive em cada sala de aula, colocou internet banda larga na maioria das escolas, criou a TV Paulo Freire e distribuiu um pen drive a cada professor da rede estadual. Contudo, na maioria das vezes existe uma resistência ou uma insegurança por parte dos educadores na utilização desses meios de forma significativa para o ensino-aprendizagem, resultando às vezes em usos inadequados.

O Colégio Estadual Leonilda Papen-EFM,³ beneficiado com a política de investimentos tecnológicos do governo do Estado do Paraná e apoiado por uma Associação de Pais e Mestres atuante, é detentor de uma grande gama de equipamentos: retroprojeto, microscópio eletrônico, TV com vídeo em cada sala, DVDs na maioria das salas, sala equipada com projetor multimídia, laboratório de informática, câmera digital, softwares educativos, videoteca, entre outros recursos julgados mais tradicionais como mapas, livros, etc.

Neste sentido, ao ter contato com estes equipamentos, atentamos que uma

³ Colégio Estadual Leonilda Papen-Ensino Fundamental e Médio, telefone (45) 3256-1322, Mercedes-PR, e-mail: mckleonildapapen@seed.pr.gov.br

proposta interessante era discutir com os educadores em que medida essas ampliações vinham contribuindo para a aprendizagem do aluno, quais eram as possibilidades e limitações do uso desse material. A questão que se fazia presente era: como poderíamos deixar de usar esses recursos apenas de forma ilustrativa (inadequada) e promover um uso que contribuísse para desenvolver no aluno uma consciência crítica e ampliar seu conhecimento histórico?

Entre tantos recursos midiáticos enunciados, elegemos estrategicamente focar no vídeo, e a partir dele, discutir as possibilidades de produção do nosso próprio material midiático (pequenos vídeos) em sala de aula.

O objetivo dessa pesquisa foi mostrar as múltiplas possibilidades do uso do vídeo na sala de aula, para que se constituísse numa ferramenta didática docente que viesse a facilitar, motivar e promovesse o processo ensino-aprendizagem, assim, tal ação contribuiria para a construção de uma consciência histórica do aluno. Para a concretização desse objetivo mais amplo, necessitaríamos antes atingir determinados objetivos específicos. Entre eles destacamos:

- A identificação das dificuldades pedagógicas e técnicas apresentadas pelo professor em relação ao uso das mídias;
- Disseminação do uso pedagógico consciente e significativo da mídia vídeo no Colégio Estadual Leonilda Papen, contribuindo para uma melhoria do trabalho docente em sala de aula;
- Dar a conhecer algumas das potencialidades do uso de vídeos no contexto educativo;
- Perceber a importância do vídeo processo na efetivação da aprendizagem;
- Proporcionar mini-cursos para que professores e alunos possam utilizar um editor de vídeo com maior segurança para a efetivação da produção de pequenos vídeos;
- Pesquisar as melhores estratégias de uso do vídeo em sala de aula.

Muito se tem discutido a cerca da inserção de recursos tecnológicos no ambiente escolar, fato justificável pela sua forte presença no nosso cotidiano, segundo Manuel Castells (2000):

Estamos presenciando uma revolução inédita na história da humanidade que se baseia no acesso, processamento e comunicação da informação que é possibilitada pelo contato cada vez mais estreito entre as mentes humanas e as tecnologias digitais.

Essa relação mídias x educação vêm exigindo da Educação a configuração de linhas de pesquisa especificamente voltadas para esta temática. Uma das frentes em que a pesquisa educacional tem investido nos últimos anos, diz respeito ao mapeamento e análise de práticas de uso das mídias em contextos educativos, de modo a compreender melhor as possibilidades, os limites e as implicações dessa interação.

A proposta desta pesquisa é refletir sobre a aplicação dessa linguagem midiática em sala de aula, levantando questões acerca da prática docente no que tange a projeção, as lacunas analíticas que se formam ao longo dessa atividade e propor alternativas de uso e produção significativa. Sabemos que não faz tanto tempo assim que o vídeo foi introduzido nas escolas como um recurso dinamizador. Por essa razão, pela precocidade da sua introdução como recurso didático, muito pouco tem sido feito no sentido de embasar e qualificar os professores para um melhor aproveitamento do potencial didático, fato que induz a um uso muitas vezes inadequado e que não gera os resultados esperados na aprendizagem.

Somos cientes da importância da utilização desses meios, em especial o vídeo, nosso objeto de estudo, pois analisamos inúmeros autores que reforçam sua importância através das suas falas. Nélcio Parra e Ivone Correa da Costa Parra (1985) observam que “os recursos audiovisuais bem planejados e utilizados podem despertar de modo superior a mera exposição oral, a atenção dos alunos e manter seu interesse por mais tempo”. Da mesma forma, Cynthia Harumy Watanabe Corrêa nos remete a seguinte afirmação:

A tecnologia empregada funciona como força impulsionadora da criatividade humana, da imaginação, devido à visibilidade de material que circula na rede, permitindo que a comunicação se intensifique, ou seja, as ferramentas promovem o convívio, o contato, enfim. Uma maior aproximação entre as pessoas. (2004, p. 3)

Corrêa fala com muita propriedade quando expõe que as possibilidades de contato imediato entre as pessoas através desses novos mecanismos de comunicação são inúmeras. Além de poder manter contato imediato com pessoas do mundo inteiro, o aluno pode penetrar em diversas universidades, museus, participar de chats com pessoas e lugares que provavelmente não poderia contatar em função da distância e do custo.

José Manuel Moran, educador e incentivador do uso das mídias na educação diz que:

A televisão e o vídeo partem do concreto, do visível, do imediato, do próximo – daquilo que toca todos os sentidos. Mexem com o corpo, com a pele – nos tocam e “tocamos” os outros, estão ao nosso alcance através dos recortes visuais, do close, do som estéreo envolvente. Pela TV e pelo vídeo

sentimos, experimentamos sensorialmente o outro, o mundo, nós mesmos. (2000, p.37)

Ele ainda afirma que os alunos estão prontos para a multimídia, pois são de uma geração que nasceu sob o fascínio das novas tecnologias. Todavia, o professor que é de uma geração diferente terá que adequar sua forma de trabalho para atrair essa platéia acostumada a cor e movimento. Para isso será necessário que o professor se atualize e aprenda a utilizar as tecnologias existentes. Não basta ter um laboratório e/ou sala de vídeo equipado, é necessário que se saiba operá-los.

Outro registro da eficácia das mídias pode ser encontrado em Larry Cuban e corresponde a uma declaração feita em 1922:

Acredito que o cinema está destinado a revolucionar o sistema educacional e que em poucos anos suplantará em muito, senão inteiramente, o uso de livros didáticos. Eu diria que na média alcançamos cerca de dois por cento de eficiência com os livros didáticos escritos nos dias de hoje. A educação do futuro, como a vejo, será conduzida por meio do cinema solução onde será possível obter cem por cento de eficiência (1986, p.9).

Muitas obras falam da importância do cinema para fins educacionais. Um dos exemplos é a obra *Como usar o cinema na sala de aula*, de Marcos Napolitano que reforça a declaração feita por Cuban já no ano de 1922:

Trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte (2003 p.11-12).

Para Rosália Duarte (2002) “ver filmes é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto à leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais”. Eliane Cândida Pereira, Formadora de educadores na rede de ensino de S. Bernardo do Campo, SP diz que:

Trabalhar com recursos visuais nas diversas áreas do conhecimento tornou-se uma imposição dos tempos atuais. As possibilidades de uso do cinema na escola são inúmeras, já que ocorrem muitas conexões com Literatura, História, Artes e Temas Transversais. Não é novidade que podemos falar das possibilidades de uso de filmes em qualquer contexto educacional. (...) mas apresentar um filme como forma de ilustrar um conteúdo de forma tradicional pode se mostrar tão ineficaz quanto a adoção de alguns livros didáticos. (2007, p.01)

Analisando esses autores percebe-se uma defesa do uso das mídias no contexto educacional. Mas o que ocorre na grande maioria das vezes nas escolas, com raras exceções, é uma educação privilegiando os métodos tradicionais, ou então uma tentativa de introdução de recursos tecnológicos variados de forma inadequada, sem objetividade, descontextualizada, sem significado, tornando-se apenas uma ferramenta para incrementar a aula. Usar de forma inadequada talvez seja mais prejudicial do que se não fizesse seu uso.

Com relação ao uso inadequado, vejamos o que é apontado por Vani Moreira Kenski:

A formação de qualidade dos docentes deve ser vista em um amplo quadro de complementação às tradicionais disciplinas pedagógicas e que inclui algum conhecimento sobre o uso crítico das novas tecnologias de informação e comunicação (não apenas o computador e as redes, mas também os demais suportes midiáticos, como o rádio, a televisão, o vídeo etc.) em variadas e diferenciadas atividades de ensino. É preciso que o professor saiba utilizar adequadamente, no ensino, essas mídias, para poder melhor explorar suas especificidades e garantir o alcance dos objetivos do ensino oferecido (2003 p. 88-89).

Percebe-se que Kenski reforça o que já havia sido falado por Eliane Cândida Pereira referente ao perigo do uso inadequado, uma vez que os autores referem-se a um grupo de educadores que tentam utilizar-se dos meios, mas geralmente por não possuírem qualificação pecam na sua utilização.

Por outro lado, temos uma parcela considerável que não utiliza as mídias disponíveis (TV, vídeo, computador) de nenhuma forma. Diante deste paradoxo questionamos: por que a grande maioria insiste em dar continuidade a metodologias tradicionais utilizando-se apenas de recursos simples e não introduz as mídias na sua metodologia?

Pressupõe-se que na maioria dos casos isso ocorra devido a alguns fatores: a não percepção da importância do uso das mídias, o medo de se sentir dispensável e a insegurança frente às novas tecnologias no que diz respeito à parte técnica. Analisando o medo de ser substituído

O professor será mais importante do que nunca, pois ele precisa se apropriar dessa tecnologia e introduzi-la na sala de aula, no seu dia-a-dia, da mesma forma que um professor, que um dia, introduziu o primeiro livro numa escola e teve de começar a lidar de modo diferente com o conhecimento – sem deixar as outras tecnologias de comunicação de lado. Continuaremos a ensinar e a aprender pela palavra, pelo gesto, pela emoção, pela afetividade, pelos textos lidos e escritos, pela televisão, mas agora também pelo

computador, pela informação em tempo real, pela tela em camadas, em janelas que vão se aprofundando às nossas vistas (Gouvea,1999).

Na percepção de José Manuel Moran (1998, p. 01), “o vídeo auxilia o professor, mas não transforma, necessariamente, a relação pedagógica”. Jan Hawkins (1995, p. 60) diz que “a eficácia dessa tecnologia não depende dela em si mesma, mas do uso que dela for feito pelo professor”. Por que o medo então?

As máquinas nunca substituirão o professor, desde que ele ressignifique seu papel e sua identidade. O professor é e continuará a ser importante no processo ensino-aprendizagem, nesse sentido, “Não é a tecnologia que vai resolver ou solucionar o problema educacional no Brasil. Poderá colaborar, no entanto, se for usada adequadamente, para o desenvolvimento educacional de nossos alunos (MASETTO, 2000, p.139)”. O papel do professor está no planejamento das ações, na sua mediação e na sua contextualização, confirmando o que já disse Moran anteriormente.

Além do receio frente às novas tecnologias há também o problema técnico, pois frequentemente o profissional de educação pública não tem o domínio necessário para utilizar essas novas ferramentas, conforme mencionamos acima nos fatores que determinam o atraso da introdução das mídias na sala de aula. Entretanto, o educador ao se aprofundar em cursos de capacitação em Fundamentos da Educação e na parte específica da sua disciplina, deverá fazê-lo também com a mesma dedicação no manuseio dos recursos midiáticos, uma vez que detectamos que estes são de extrema importância na sua prática pedagógica.

Certamente, o papel do professor está mudando, seu maior desafio agora é reaprender a aprender. A mudança na educação impõe um desafio que Marilda Aparecida Behrens soube muito bem definir:

O desafio imposto aos docentes é mudar o eixo do ensinar para optar pelos caminhos que levam ao aprender. Na realidade, torna-se essencial que professores e alunos estejam num permanente processo de aprender a aprender (2000, p.73).

Como terceiro fator enumerado, destacamos o ceticismo com relação aos benefícios que as mídias possam trazer a aprendizagem. É necessário que os educadores céticos se aliem aos otimistas e percebam que muitas pesquisas vêm sendo realizadas pelo mundo afora a respeito dos resultados na aprendizagem dos alunos quando se usa o computador e o vídeo com prévio planejamento, com objetivos bem definidos, de forma contextualizada e com a presença do professor da disciplina.

Em forma de provocação ao tema, cito um celebre provérbio chinês que afirma:

Diz-me eu esquecerei
Ensina-me e eu lembrar-me-ei
Envolve-me e eu aprenderei”
(Provérbio chinês)

Esse provérbio fala da necessidade do envolvimento do aluno. É fato de que o aluno aprende muito mais se ele estiver praticando e não apenas ouvindo o professor em meras aulas expositivas. Ele participa e interage com seus pares dentro e fora da escola, busca informações em bibliotecas virtuais do mundo todo, comparando, construindo seu próprio saber, cooperando com os outros. Com relação ainda ao envolvimento, pesquisas apontam que “ambientes colaborativos são mais eficazes que os baseados na aprendizagem individual, pois a colaboração impõe maior dedicação e melhor organização do trabalho (DRISCOLL, 2004)”.

Mencionamos e analisamos vários autores que defendem o uso pedagógico das mídias em sala de aula. Eles afirmam que deve ser uma atividade planejada, significativa não bastando apenas levar os alunos a um laboratório de informática ou passar um filme, documentário ou animação simplesmente com a intenção de apenas reproduzir. Muitas vezes, temos professores entusiastas na utilização das novas tecnologias que não percebem que o caminho que estão utilizando está totalmente fora dos padrões desejáveis. Segundo a bibliografia consultada, usar os recursos sem uma aplicação pedagógica eficiente é sinônimo de querer participar do modismo da Era Digital sem avaliar os resultados dessas ações.

Fazer um uso significativo das mídias implica, por exemplo, não meramente utilizar-se de filmes ou documentários para simplesmente “ilustrar” o conteúdo. Dessa maneira, o filme é mais utilizado como um substituto do texto didático ou da aula expositiva, ou é ainda considerado uma ilustração que dá credibilidade ao tema que se está estudando. O documentário e o cinema constituem uma poderosíssima fonte de estudos históricos e está muito aquém de ser meramente ilustrativo, pois possibilita inúmeras possibilidades de aprendizagem e, a esse respeito, Inês Assunção de Castro diz que devemos:

Olhar para o cinema, buscando entendê-lo como uma pedagogia cultural e não como uma metodologia que sirva para variar um pouco o cotidiano escolar, nos permite olhar para nós mesmos como constituintes da cultura e da história e, ao mesmo tempo, constituídos por elas. (TEIXEIRA, 2005, p.179)

Segundo Maria Auxiliadora Schmidt:

Assim como a fotografia (imagem imóvel), o cinema (imagem móvel) é uma linguagem contemporânea que exige cuidados especiais no seu uso na sala de aula. Alguns aspectos precisam ser mencionados como: a necessidade do conhecimento da historiografia do cinema; estudos sobre a presença da história no cinema; da presença do historiador no cinema; a questão dos documentários históricos e a construção da memória (ou da memória em ruínas); o cinema e a formação da consciência histórica e, finalmente, os aspectos que envolvem a especificidade do uso do filme no ensino de História. (2005, p.225)

Schmidt e Teixeira deixam claro na sua fala que o cinema e o vídeo podem ser importantes instrumentos de apoio pedagógico.

Então, de que forma a exibição de documentários e filmes podem contribuir na aprendizagem do aluno e na formação de uma consciência histórica? Elencamos alguns aspectos que julgamos relevantes serem analisados e que nos remetem à análise dos benefícios da prática da utilização de vídeos na aprendizagem do aluno.

Através do filme o aluno executa diversas operações mentais tais como, observar, identificar elementos, estabelecer relações, comparar, operações que contribuem substancialmente na elaboração do pensamento histórico.

Outra contribuição do filme é a possibilidade dos alunos, ao assistirem um filme épico, compreender modos de vida, valores e comportamentos sociais de uma sociedade em determinada época e espaço. Poderá comparar períodos históricos e chegar a conclusões sobre rupturas e permanências de práticas sociais e valores na sociedade atual.

Ressaltamos também, que o filme nos possibilita verificá-lo como instrumento de luta político-ideológica. Nenhum filme histórico escapa totalmente de uma leitura ideológica da História, uma vez que a História é um palco privilegiado das lutas políticas e da luta de classes, um lugar onde todas as facções buscam formas de justificação e legitimação de suas idéias e práticas políticas. Cabe ao professor orientar os alunos para analisem o filme criticamente. Deverão saber identificar deturpações históricas, analisar a produção, a intencionalidade da criação, a representação do real ou a ficção, a ideologia presente na película. É necessário, transcender a ilustração e desconstruir estratégias de persuasão e manipulação cinematográficas.

[...] a obtenção de informações críticas constitui uma fonte importante de aprendizado sobre o modo de conviver com esse ambiente cultural sedutor. Aprendendo como ler e criticar a mídia, resistindo a sua manipulação, os indivíduos poderão fortalecer-se em relação à mídia e à cultura dominantes. Poderão aumentar sua autonomia diante da cultura da mídia, adquirir mais

poder sobre o meio cultural, bem como os necessários conhecimentos para produzir novas formas de cultura (KELLNER, 2001, p.10).

É mister pensar também, se os docentes e estudantes serão simples usuários ou consumidores de produções já desenvolvidas, ou se terão condições para apresentarem suas próprias criações. Nesse sentido, numa outra fase do processo propomos a produção de material midiático para uso em sala de aula.

Consiste na elaboração de pequenos documentários (vídeos) que seriam feitos a partir de um programa específico de edição de vídeo e usado posteriormente como material pedagógico pelos alunos e professores.

O vídeo-processo, segundo Joan Ferrés (1998), “é uma modalidade de uso do vídeo, cuja diferença básica das demais modalidades, repousa no fato de que nela o aluno sai da condição de mero espectador e passa à condição de elaborador, realizador, criador de novos produtos”.

Moran (1998) denomina essa modalidade de Vídeo como Produção. É uma modalidade de audiovisual aberto, inacabado, ou seja, nele, o aluno deixa de ser um mero receptor de imagens e sons - em geral destinados a reforçar os conteúdos trabalhados pelo *videoapoio ou videolição*, e passa a ser um sujeito ativo do processo de criação e produção do material.

Após embasamento teórico, planejamos nossa pesquisa. Num primeiro momento, ela baseou-se nos resultados obtidos após aplicação de um questionário no Colégio Estadual Leonilda Papen, em que coletamos dados sobre a prática da utilização do vídeo em sala de aula e sobre o prévio conhecimento dos educadores na área de informática (anexo1). A apuração quantitativa dos questionários nos forneceu os seguintes dados: a) a maioria (82,35%) dos professores entrevistados é do sexo feminino e possuem pós-graduação, havendo somente um equilíbrio entre os sexos quanto à situação funcional; b) em relação ao tempo de magistério, os entrevistados concentram-se na faixa de 0 a 5 anos e ministram em média 20 a 40 aulas, desses a metade usa o vídeo com alguma frequência nas suas aulas; c) quando interrogados se faziam algum tipo de planejamento para o uso do vídeo antes de reproduzi-lo, a grande maioria respondeu que sempre planejava o seu uso, com exceção de 04 professores, d) surpreendentemente nenhum docente participou de algum treinamento para uso do vídeo; e) reportando aos objetivos de sua utilização, os docentes relataram que o fazem geralmente como vídeo-apoio; f) em relação ao tipo de vídeo, responderam que com maior frequência passavam filmes de ação, ficção e documentários, os quais conseguem no acervo

da própria escola ou baixando da internet, g) 100% dos entrevistados disseram que assistiam ao filme antes de passar aos alunos; h) questionados sobre o computador, todos afirmavam que dispõe desse equipamento em suas casas, 64,70% com acesso à internet de banda larga; i) 70% fizeram cursos de capacitação na área de informática, definindo seu uso como usuários casuais; j) perguntados à respeito da produção de pequenos vídeos através de um editor de vídeo, todos (com exceção de um) afirmaram que nunca foram autores de uma vídeo-produção e apenas dois professores disseram que já conheciam um editor de vídeo; l) em relação ao uso da TV Pendrive 47,05% afirmaram que estão usando, sendo que os que não estão usando é porque tem muitas dificuldades na conversão dos arquivos.

A elaboração do questionário, sua aplicação e a apuração quantitativa dos dados foi considerado na nossa pesquisa enquanto um método investigativo para conhecer as metodologias de trabalho com o vídeo e a informática nas aulas dos professores, sendo que a análise dos resultados mostraram-se uma importante fonte qualitativa que ajudou a nortear as ações de implementação.

Num segundo momento, entrevistamos 118 alunos do Colégio Estadual Leonilda Papien, pertencentes à 8ª série do Ensino Fundamental e 1º e 2º Ano do Ensino Médio. Nossos questionamentos pautaram-se também num levantamento de dados com os alunos sobre seu conhecimento prévio na área de informática, suas expectativas com relação ao uso das Mídias vídeo e informática e num levantamento de informações a respeito do uso dessas ferramentas em sala de aula. Todos responderam que eram constantemente oportunizados pelos professores a utilizar esse recurso e 96,6% apontaram que gostavam muito quando essa oportunidade lhes era oferecida. Indagados sobre o tipo de vídeo que lhes era oferecido, 69% dos alunos responderam que geralmente o professor trazia filmes completos, sendo que o mesmo percentual afirmou que logo após assistirem ao filme, o analisavam, debatiam e era exigido deles um relatório. O que despertou atenção nestes dados foi o fato de que 31% dos alunos declararam que esse procedimento não era realizado.

Com relação à temática do filme, 75,42% disseram que ele era relacionado ao conteúdo trabalhado e o restante não soube definir ou dizer se o filme estava ou não associado ao conteúdo programático. Voltamos nossa atenção também para a preferência dos alunos sobre o momento adequado em que o professor deveria passar o filme, ou seja, no início para introduzir um conteúdo ou no final para reforçar um conceito ou conteúdo. 72% dos entrevistados responderam que preferiam que o vídeo fosse reproduzido no final para reforçar um conteúdo. Indagados referente à utilização de trechos de filmes ou documentários, 71,18% responderam que nunca tiveram essa oportunidade, por outro lado, os 28,83% que já tiveram

essa oportunidade disseram que gostaram da experiência e ficaram motivados a buscar o vídeo na íntegra para assistir em casa.

Sobre seus conhecimentos na área de informática 54,23% definiram seus conhecimentos como intermediários, 44,06% caracterizaram como básico e apenas dois se enquadraram num nível avançado. Com relação ao uso de editor de vídeo, 81,35% disseram que não conheciam seu funcionamento, mas gostariam de aprender a editar um vídeo. E do total de entrevistados, 59,32% têm computador nas suas casas.

Objetivando transformar tais dados quantitativos em dados qualitativos planejamos uma série de testes com os alunos para verificar como alcançaríamos uma melhor aprendizagem e uma apreensão do conhecimento histórico a partir da utilização adequada do vídeo e produção do seu próprio material midiático.

Na primeira experiência reproduzimos um trecho do filme *Amistad* e percebemos que não foi necessário passar o filme inteiro para despertar o interesse e provocar debates com os alunos. A turma era composta por 24 alunos e ao findar a apresentação e o debate, 18 alunos mostraram interesse imediato em assistir o filme inteiro, os quais indicaram que tentariam locar e assisti-lo em suas casas.

A segunda experiência foi realizada com o 1º ano do Ensino Médio, foi reproduzido o mesmo documentário para duas turmas diferentes. Na primeira turma, passamos o documentário *Os Mistérios do Egito*, antes da exposição oral, como introdução do conteúdo, noutra turma, após a exposição de todo o conteúdo da Civilização Egípcia, como forma de complementação. A conclusão foi de que na turma que passamos antes, para introduzir o conteúdo, tudo era novidade e inclusive ficaram entristecidos com o término da exibição. Já na turma que foi passado para complementar o conteúdo, demonstraram bastante cansaço e fizeram questionamentos restritos após a exibição, não demonstrando tanto interesse no documentário.

Na terceira experiência pesquisamos a eficácia da utilização do vídeo na aprendizagem do aluno. Usamos duas turmas de Ensino Médio para fazer o teste. Expusemos oralmente o conteúdo referente à Revolução Francesa e em apenas uma das turmas passamos um documentário referente a esse processo. Solicitamos que as turmas produzissem um texto sobre a *Revolução Francesa: sua evolução e seu significado histórico*. Na turma em que foi passado o vídeo, imediatamente após a reprodução estes começaram a elaborar o texto, ao contrário da outra turma, que demonstrou um nível de insegurança considerável e fez diversos questionamentos a respeito da atividade. Para constatar a eficácia ou não do vídeo no processo de aprendizagem, finalizamos esta experiência aplicando um teste escrito nas duas

turmas, e novamente os resultados apontaram para um maior rendimento na turma que foi passado e debatido o vídeo.

De nada adiantaria apenas teorizarmos sobre o tema proposto. Achamos que no desencadear do processo nossas experiências com os alunos foram fundamentais, pois possibilita-nos presenciar resultados in loco. Falamos tanto em usar o vídeo com responsabilidade, com significado, por isso julgamos imprescindível fazer testes e verificar a forma de como melhor podemos usar o vídeo tecnicamente e pedagogicamente para que venhamos a ter melhores resultados no ensino-aprendizagem. E não somos apenas nós que desenvolvemos o projeto que usufruímos dessa pesquisa, também repassamos na íntegra todos os resultados das nossas experiências para os outros professores do estabelecimento. A receptividade dos colegas nos agradou, eles nos ouviram e acreditamos que atingimos nossos objetivos, pois já percebemos nitidamente uma mudança de postura, um novo olhar, uma nova forma de trabalhar o vídeo em sala de aula.

Ficamos satisfeitos com essa etapa cumprida, entretanto achávamos que se seguissemos o teor do provérbio chinês que diz “...envolve-me e aprenderei”, teríamos resultados mais interessantes ainda do processo de ensino. Acreditávamos que a aprendizagem seria muito maior se os próprios alunos fossem autores e não apenas receptores de produções feitas por terceiros. Se eles fossem autores dos vídeos, além de estar participando de um momento lúdico, estariam organizando grupos colaborativos, exercitando o espírito de equipe, planejando suas ações, esquematizando, pesquisando, levantando hipóteses, analisando, discutindo idéias, confrontando autores, chegando a conclusões, sem falar da socialização da sua produção e posterior publicação.

Colocamos essa idéia em prática e organizamos um projeto de produção de vídeo. Para a execução desta experiência escolhemos uma turma de 2º Ano do Ensino Médio. Explicamos a eles as etapas de toda a execução da proposta e sentimos uma atmosfera de grande motivação.

Na primeira etapa, já encontramos nossa primeira dificuldade. Precisávamos de um editor de vídeo e não dispúnhamos no nosso estabelecimento. As escolas do Paraná são supridas pelo Sistema Operacional Linux que até o momento não é contemplado com nenhum editor de vídeo. Entramos em contato com os responsáveis pelo laboratório de informática, em nível de Estado, e eles nos informaram da impossibilidade de atender nossa solicitação no momento. Não pretendíamos recuar e fomos procurar um laboratório que tivesse instalado o Windows Moviemaker, que julgamos ser um editor de filmes básico, porém suficiente para desenvolvermos nosso projeto. Entramos em contato com a Prefeitura Municipal que

gentilmente nos cedeu um laboratório localizado a 100 metros do nosso estabelecimento. Organizamos então um mini curso onde mostramos o funcionamento técnico do programa para os alunos.

Foi uma experiência riquíssima, todas as nossas expectativas foram contempladas. Os alunos têm uma facilidade incrível de aprender, mesmo aqueles que tinham um conhecimento básico em informática. Usamos um telão e cada aluno foi incentivado a seguir os passos da montagem de um vídeo simples no editor. Inseriram imagens, cortaram pedaços de vídeos através do próprio programa, aprenderam a fazer narração, a escrever nos slides e a animar seus textos e imagens.

Após a apresentação aos alunos do funcionamento técnico do programa, partimos para a elaboração de um projeto de estruturação do vídeo definitivo que queríamos montar.

Tínhamos trabalhado a Revolução francesa e foi este tema que escolhemos para produzir nosso vídeo. Após a explicação oral, reunidos em grupos, os alunos planejaram como fariam seu vídeo. Fizeram pesquisas, debateram, esboçaram o vídeo no papel fazendo um pré-projeto (esboço), escolheram os elementos que comporiam sua produção: imagens, partes de filmes, música, entrevistas. E a partir do pré-projeto, começaram a montagem do vídeo, sendo que o resultado de tudo isso foi apresentado num seminário onde os grupos apresentaram seus trabalhos aos seus pares e posteriormente, durante a Semana Pedagógica, apresentaram-no à orientadora do PDE, aos professores, direção, equipe pedagógica e funcionários do Colégio Estadual Leonilda Papen.

Em suma, foi um trabalho em que os alunos tiveram grande envolvimento, uma vez que tiveram que elaborar um pré-projeto do filme, discutiram sobre os elementos que fariam parte do mesmo, e enquanto desenvolviam o trabalho, procuravam sempre soluções para resolver problemas que iam surgindo. Pesquisaram, entrevistaram professores, fizeram filmagens externas e chegaram a conclusões de que muitos das nossas práticas de reivindicações de hoje, são de certa forma pauta de lutas dos revolucionários: a liberdade, a igualdade.

O trabalho com a turma configurou-se tão criativo, que percebemos que em virtude das dificuldades apontadas pelos professores no levantamento de dados e comparando com as respostas dos alunos, era importante também trabalhar com os professores. Diante desta preocupação planejou-se um curso sobre produção de vídeos aos colegas professores, objetivando contribuir com suas didáticas.

Após lançarmos a idéia do curso aos professores estaduais, de imediato fomos procurados por dezenas de professores municipais que também quiseram participar.

Formamos as turmas, determinamos o local e iniciamos o curso explorando uma questão que eles apontaram como uma das suas principais dificuldades: baixar os vídeos da internet e convertê-los para o formato aceito pela TV Pendrive⁴ do estado do Paraná.

Informamos aos professores que na internet existem inúmeros programas Freeware (Grátis) ou Shareware (pagos) que podem ser utilizados para baixar e converter arquivos. Dentre vários conhecidos sugerimos e mostramos como funciona o Atube Catcher. Além de ser um programa gratuito ele já baixa e converte o arquivo para o formato certo, desde que seja configurado corretamente. Trabalhamos com softwares de edição de som como o Audacity e o Acoustica MP3 Mixer, necessários para quem quer fazer elaborações mais avançadas na edição de vídeo e extremamente úteis para montar a fala de pequenas encenações teatrais. Ainda mostramos um programa muito útil para os professores na elaboração de palavras cruzadas e o DVD Shrink, usado para cortar trechos de filmes e copiar DVDs.

Porém, nosso objetivo principal no curso era fazer com que o professor pudesse elaborar seu próprio material midiático. Fazer um vídeo em que pudesse colocar apenas o que de mais interessante e necessário julgasse num vídeo. Introduzir imagens, sons, trechos de outros vídeos, num vídeo que tivesse a sua cara. Para tanto, elaboramos um tutorial com um passo a passo da utilização das ferramentas e montagem de um vídeo.

Os professores ficaram entusiasmados com a idéia de produzir seu próprio material, tendo a possibilidade de inserir narração e trechos de vídeos nas suas próprias produções. Fomos para a prática, onde cada professor aprendeu o passo a passo da produção do seu vídeo e, apesar das dificuldades iniciais, todos conseguiram fazer um exemplo de vídeo que apresentaram para seus colegas posteriormente. Sentimos que os professores estavam entusiasmados perante a possibilidade que teriam a partir desse momento em serem autores de suas próprias criações, isso contradiz o que muitos dizem de que o professor não se interessa pelo uso das mídias. Interessa e muito, basta que lhe sejam oferecidas oportunidades de adequação a essa nova metodologia.

Considerações finais

As possibilidades de trabalhar com mídias nas escolas são muitas, porém as limitações desta metodologia inovadora precisam ser destacadas em nossa análise.

⁴ TV PENDRIVE: Uma televisão que contém uma entrada USB para o uso do Pendrive. Todas as salas do Estado do Paraná foram equipadas com uma unidade dessas.

Através das experiências e dos levantamentos que foram feitos, percebe-se que os alunos em geral, gostaram de utilizar os recursos tecnológicos nas aulas e tiveram um grande envolvimento quando realizaram a produção do vídeo sobre a Revolução Francesa. Foram criativos, introduziram vinhetas, sons, animações, desenvolveram o espírito de cooperação e foram capazes de resolver problemas que surgiram durante a elaboração do vídeo, conforme já mencionado anteriormente.

É mister enfatizar, no entanto, que a produção desse vídeo que gerou tantos frutos positivos, encontrou muitas limitações. Dentre vários, destaco o funcionamento do Laboratório do Paraná Digital.⁵ Chegamos a conclusão de que o sistema implantado nas escolas do Paraná, embora seja uma iniciativa louvável, carece de um novo olhar sobre sua efetiva funcionalidade. Necessitamos de um laboratorista, que seja um auxiliar do professor, uma internet com uma velocidade razoável e uma solução com relação à dificuldade da instalação de alguns softwares que julgamos imprescindíveis para o bom desempenho de nossas atividades.

Fora as questões técnicas, percebemos que para o professor falta apenas um incentivo, ele se sente muito inseguro e necessita de embasamento para enfrentar seus alunos que já vem de casa com uma gama muito grande de informações relacionadas às mídias mais usadas no momento. Há a necessidade de uma oferta maior de cursos presenciais para que ele possa usá-los como uma importante ferramenta auxiliar de suas atividades, tendo ciência de que elas não substituirão o seu trabalho, mas o ajudarão na difícil tarefa de fazer com que seu aluno apreenda os conhecimentos transmitidos por ele.

Percebemos que a pequena amostra que fizemos através dessa implementação já trouxe resultados positivos, tanto no sentido técnico, quanto na forma de abordar o vídeo em sala de aula. Antes da implementação, a metodologia do uso do vídeo na nossa escola era mais voltada para a reprodução de filmes sempre inteiros, muitas vezes, descontextualizados. Uma breve observação hoje no colégio percebe-se que essa prática já se alterou de alguma forma, pois vemos muitos professores trabalhando com vídeos curtos, contextualizados e usando os recursos, em especial o vídeo, com planejamento de ações, buscando alcançar objetivos propostos, ou seja, evidenciando a nossa proposta inicial, o Uso e Produção de vídeo com significado.

⁵ O Paraná Digital (PRD) é um projeto de inclusão digital das escolas públicas (são 2.100 escolas, incluindo as escolas rurais) do Estado do Paraná. Está fundamentado na disponibilidade de meios educacionais através de computadores e da Internet, com o objetivo de melhorar a qualidade do ensino. (Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Paran%C3%A1_Digital)

Fica a percepção que as pesquisas que apresentamos aos docentes em diversas oportunidades que tivemos para abordar o tema tenham contribuído para mostrar caminhos para uma aprendizagem mais lúdica e com significado real. Sentimos apenas que o tempo e a compatibilidade de horários com os colegas impediram uma discussão ainda mais aprofundada com relação à melhor forma de analisar filmes, ou seja, com atividades práticas, como por exemplo, assistir um filme e organizar a análise da película. Mesmo assim, sugerimos roteiros de análise de filmes aos colegas.

Sabemos que a prática de uso das mídias, em especial os recursos que foram analisados pela pesquisa (vídeo e informática) ainda estão muito aquém do desejado, porém as sementes foram lançadas, provavelmente germinarão e nos trarão os tão almejados frutos. É um processo lento, árduo, porém necessário e que necessita da colaboração e empenho de todos, só assim colheremos os resultados de nossas sementes que lançamos nesse fértil terreno da educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Candido José Mendes de. **O que é vídeo**. São Paulo: Nova Cultural- Brasiliense. 1985. (Coleção Primeiros Passos; 63).
- ALMEIDA, Fernando José de; JÚNIOR, Fernando Moraes Fonseca. **PROINFO: Projeto e Ambientes inovadores**. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação. Seed, 2000.
- BEHRENS, Marilda Aparecida. **Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente**. In: *Novas Tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas, SP: Papirus, 2000.
- BELLONI, Maria Luiza. **O Que é Mídia-Educação**. Campinas-SP: Autores associados, 2001.
- CARNEIRO, V. L. Q. **Analisando e produzindo audiovisual: oficina de vídeo na escola**. In: *TV na Escola e os Desafios de Hoje*. Brasília: Uni Rede e Seed/MEC - Editora Universidade de Brasília, 2002.
- CASTELLS, Manuel (1996). **A Era da Informação: economia, sociedade e cultura, em três volumes: "A sociedade em rede", "O poder da identidade" e "Fim de milênio"**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CORRÊA. C. H. W. **Comunidades virtuais gerando identidade nas sociedades em rede**. Disponível em: <http://www.uff.br/mestcii/cyntia1.htm>, 2004. Acesso em: 27/06/08.
- CUBAN, Larry. **Teachers and Machines – The classroom use of technology since 1920**. New York: Teachers College Press, 1986.
- DRISCOLL, M. **Collaborative tools in the learning continuum**. Chief Learning Office, set. 2004. Disponível em: <http://www.clomedia.com/features/2004/September/625/index.php>. Acesso em: 29/06/2008.
- FERRÉS, J. Vídeo e educação. Porto Alegre: Artes Médicas; 1996. HAWKINS, Jan. **O uso de novas tecnologias na educação**. Revista TB. Rio de Janeiro: 120; 57-70, jan/mar, 1995.
- FERRO, Marc. **Cine e História**. Barcelona, Gustavo Gilli, 1980.
- GOUVEA, S.F. **Os caminhos do Professor na era da tecnologia**. Revista de educação e informática, São Paulo, ano 9, n.13, p. 11-17, abr.1999.
- HAWKINS, J. (1995). **O uso de novas tecnologias na educação**. Rio de Janeiro: Revista TB. 120:57-70, jan. mar.
- KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. São Paulo: EDUSC, 2001.

KENSKI, V. M. **Processos de interação e comunicação mediados pelas tecnologias**. In: ROSA, D., SOUZA, V. (orgs.). Didática e práticas de ensino: interfaces com diferentes saberes e lugares formativos. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MARTIRANI, L. A. **O vídeo e a pedagogia da comunicação no ensino universitário**. In: PENTEADO, H. L. Pedagogia da comunicação – Teorias e Práticas. Ed. Cortez, 1998. p. 151 - 195.

MASSETO, M. T. **Mediação pedagógica e o uso da tecnologia**. In: MORAN, J. M.; MASSETO, M. T.; BEHRENS, M.A. Novas tecnologias e mediação pedagógica. Campinas: Papirus. 10. ed. 2006.

MORAN, José Manuel. **Desafios da Televisão e do Vídeo à escola**. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/textos.htm>. Acesso em: 25/06/08.

_____. **O uso do vídeo em sala de aula**. Artigo publicado na revista Propaganda, maio de 1995.

_____. **A integração das tecnologias na educação**. Artigo publicado na revista Informática na Educação: Teoria & Prática. Porto Alegre, vol. 3, n.1 (set. 2000) UFRGS. Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, pág. 137-144.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema em sala de aula**. São Paulo, Contexto, 2001.

PARRA, N.; PARRA, I. C. C. **Técnicas Audiovisuais de Educação**. 5ed. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1985, p.1-22.

PEREIRA, Eliane Cândida. **O que é o projeto Curta na Escola?** http://www.portacurtas.com.br/curtanaescola/o_projeto.asp. Acesso em 28/06/2008.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **História: construindo a relação conteúdo método no ensino de História no Ensino Médio**. In: KUENZER, Acácia (org.). Ensino Médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho. São Paulo: Cortez. 2005. 4ª edição.

SOUZA, Márcio Vieira de. **Mídia e conhecimento: a educação na era da informação**. Florianópolis. Mimeo (1998)

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; LOPES, José de Sousa Miguel. **A escola vai ao cinema**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

ANEXO 1

1.Questionário do Professor

**PROJETO DE PESQUISA-PDE
QUESTIONÁRIO SOBRE O USO DO VÍDEO EM SALA DE AULA****PDE**

Caro colega professor:

Esse questionário visa uma coleta de dados preliminar a respeito do uso do vídeo e da informática na sala de aula. Faz parte do desenvolvimento do meu projeto de pesquisa do PDE- Turma 2008. A partir desse levantamento, poderemos estruturar nosso projeto de intervenção com maior propriedade.

1)Sexo: () Masculino () Feminino

2) Nível de Escolaridade completo:

- () Superior- licenciatura
- () Superior- bacharelado
- () Pós-graduação
- () mestrado

3) Há quantos anos você trabalha como professor:

- () 0 a 5 anos () 6 a 10 () 11 a 15 () 16 a 20 () mais de 20

4) Qual é a sua situação trabalhista:

- () PSS
- () Estatutário- 1 padrão
- () estatutário- 2 padrões
- () outros

5) Qual é a sua carga-horária semanal:

- () menos de 20 horas
- () 20 a 30 horas
- () 31 a 40 horas
- () mais de 40 horas

6) Professor, você utiliza o vídeo em sala de aula

- () sim () não () raramente

7) Com que frequência você utiliza o vídeo na suas aulas?

- () mais de uma vez por ano
- () mais de uma vez por semestre
- () mais de uma vez por bimestre
- () mais de uma vez por mês
- () semanalmente
- () não é possível quantificar

8)Você costuma planejar o uso do vídeo?

- () sim () não () aleatoriamente

9) Alguma vez já frequentou um curso de treinamento para o uso do vídeo?

☐ sim ☐ não

10) Professor: Com que intenção utiliza filmes em suas aulas?

- ☐ videoapoio
- ☐ programa motivador
- ☐ programa monoconceitual
- ☐ vídeo interativo
- ☐ videoprocesso

11) Costuma passar filmes durante sua prática em sala de aula?

☐ sim ☐ não ☐ raramente

12) Como utiliza os filmes:

- ☐ faz interrupções, fazendo comentários durante a exibição
- ☐ assiste todo o filme e depois parte para a análise do mesmo
- ☐ assiste o filme e pede para os alunos fazerem um relatório
- ☐ geralmente não faz atividade nenhuma depois do filme, usa-o apenas para complementar o conteúdo.

13) Quando você usa o vídeo geralmente o que faz com maior frequência:

- ☐ passa o filme inteiro relacionado ao tema estudado
- ☐ faz recortes de algumas cenas do filme
- ☐ usa animações ou documentários de curta duração
- ☐ cria seus próprios documentários num editor de vídeo ou através de uma filmagem e mostra aos alunos

14) Como obtém a fita de vídeo?

- ☐ do acervo da própria escola
- ☐ do acervo pessoal
- ☐ baixado da internet (youtube ou outros)
- ☐ da locadora

15) Quando passa o filme para seu aluno é por que:

- ☐ assistiu e acha que se encaixa no conteúdo estudado
- ☐ algum colega assistiu e recomendou seu uso
- ☐ leu a sinopse na internet e achou interessante passar aos alunos
- ☐ passa o mesmo filme para todas as turmas
- ☐ surgiu um imprevisto e resolveu usá-lo como tapa buraco

16) Os alunos preferem que tipo de filme:

- ☐ ficção/histórico ☐ documentário ☐ didático ☐ produzido por eles mesmos

17) Consegue descrever a recepção e reação dos alunos?Em caso afirmativo, poderia descrevê-lo aqui?

18) Quais são os tipos de tarefas que geralmente passa para a turma sobre o

filme (debates,relatórios, outros)? O retorno é positivo ou negativo?

19) Costuma fazer, junto aos alunos, uma interpretação crítica do filme?

20)Na sua opinião, o filme auxilia ou prejudica o entendimento e na formação de uma consciência crítica na sua disciplina.

21) Tem computador em casa: () sim () não

22) Utiliza para atividade profissional ()sim () não

23) Tem acesso a Internet em casa :

()sim-banda larga () sim-discada () não

24) Participou de cursos de capacitação na área de Informática Educacional:

() sim () não

25) Como classificaria o seu conhecimento sobre computadores:

() Profundo, incluindo noções de programação

() Profundo, apenas na óptica do utilizador

() Ao nível de um utilizador casual

() Sou um completo desconhecedor

26) Alguma vez já fez seu próprio documentário utilizando-se de um editor de vídeo?

() sim () não

27) Tem noção de utilização de editor de vídeo?

() sim () não

ANEXO 2

2. Questionário dos Alunos

**PROJETO DE PESQUISA-PDE
QUESTIONÁRIO SOBRE O USO DO VÍDEO EM SALA DE AULA****1.O vídeo favorece o seu aprendizado do conteúdo de História?**

() sim () não () muito pouco

2.Quando o professor vem com a proposta de trabalhar um conteúdo através do uso de um vídeo(filme ou documentário), qual é sua reação:

- () acho chato, prefiro que ele passe conteúdo
() fico feliz, pois tenho a possibilidade de ver através de imagens e sons, aspectos e detalhes que ficam mais difíceis de perceber na explicação oral.
() para mim é indiferente se passar ou não, não muda nada na minha forma de aprender

3.Quando é passado, que tipo de vídeo geralmente é utilizado?

- () documentário
() filme inteiro
() animação em flash ou similar
() trechos de filme

4.Seu professor questiona o que foi passado no filme ou apenas o passa e não trabalha nada após assisti-lo?

() sempre é analisado () é analisado esporadicamente () não é analisado

5.Geralmente, quando é trabalhado um filme em sala de aula, o que costuma ser feito após:

- () apenas um relatório
() análise, debate e relatório
() não é cobrado nada com relação ao filme
() outros

6.Quando você assiste filmes ou documentários em sala de aula, ele é relacionado ao conteúdo ou conceito trabalhado no momento?

- () sim, sempre é relacionado () às vezes é relacionado, outras não
() não sei responder

7.Você aprende mais quando:

- () o vídeo é utilizado para introduzir um conceito novo (antes)
() quando este é utilizado para reforçar um conceito já conhecido

8.Você já teve a experiência de assistir a pequenos trechos de um filme(recortes) e depois se sentiu motivado para assistir o resto?

- () não
() não, por que o professor não passa apenas trechos
() sim, fiquei curioso e quis assistir tudo para aprofundar o tema em questão no filme

9.Qual é o seu conhecimento básico na área de informática?

() básico () intermediário () avançado

10.Você já usou algum editor de vídeo, como por exemplo o MovieMaker?

☐ sim ☐ não

11.Você teria vontade e disposição para aprender a mexer ou melhorar aprendizado com o moviemaker para desenvolver pequenos filmes para serem utilizados em apresentações de trabalhos nas suas aulas?

☐ sim, eu gostaria de aprender ☐ não ☐ já sei usar

Muito obrigado por responder as questões e participar dessa pesquisa.